



*Secretaria de Educação do Estado do Paraná
(SEED/PR)*

Encantos e aprendizagens com os textos poéticos

Paraná

2022

Sumário

Cecília	
Meireles.....	3
Alguns poemas.....	4
Cora Coralina.....	8
Alguns poemas.....	9
José Paulo Paes.....	12
Alguns poemas.....	13
Mário Quintana.....	16
Alguns poemas.....	17
Marta Chaves.....	18
Alguns poemas.....	19
Olavo Bilac.....	23
Alguns poemas.....	24
Vinicius de Moraes.....	27
Alguns poemas.....	28
Tatiana Belinky.....	31
Alguns poemas.....	32

Cecília Meireles (1901-1964)



FONTE: <https://www.escritas.org/pt/cecilia-meireles>

Cecília Meireles nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro. Não conheceu seu pai, que morreu antes de a filha nascer. Além disso, ficou órfã de mãe quando tinha dois anos de idade. Assim, foi criada pela avó materna.

Em 1917, formou-se na Escola Normal do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, quando iniciou o magistério como professora primária, além de estudar canto e violino no Conservatório Nacional de Música.

A escritora e poetisa faleceu em 9 de novembro de 1964.

Fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/cecilia-meireles.htm>

Alguns poemas

Leilão de jardim

Quem me compra um jardim
com flores?

borboletas de muitas
cores,

lavadeiras e
passarinhos,

ovos verdes e azuis
nos ninhos?

Quem me compra este
caracol?

Quem me comora este raio
de sol?

Um lagarto entre o muro
e a hera,

Uma estátua da
Primavera?

Quem me compra este
formigueiro?

E este sapo que é
jardineiro?

E a cigarra e sua
canção?

E o grilinho dentro
do chão?

(Este é o meu leilão!)

Cecília Meireles

Ou isto ou aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem
chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o
anel, ou se põe o anel e não se calça a
luva!

Quem sobe nos ares não fica no
chão, quem fica no chão não sobe
nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois
lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o
doce, ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo. .
. e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se
estudo, se saio correndo ou fico
tranquilo.

Mas não consegui entender
ainda qual é melhor: se é isto ou
aquilo.

Cecília Meireles

A bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Não conhece nem dó nem ré
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá e nem si,
mas fecha os olhos e sorri.

Roda, roda, roda com os bracinhos no
ar e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

Esta menina
tão importante
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças, e também
quer dormir como as outras crianças.

Cecília Meireles

O eco

O menino pergunta ao eco
Onde é que ele se esconde.
Mas o eco só responde: “Onde? Onde?”

O menino também lhe pede
“Eco, vem passear comigo!”

Mas não sabe se o eco é
amigo Ou inimigo.

Pois só lhe ouve dizer:
“Migo!”

Cecília Meireles

Cora Coralina (1889-1985)



FONTE: <http://www.blogletras.com/2008/04/uma-entrevista-rarissima-com-cora.html>

Cora Coralina nasceu em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás – à época, capital do estado de Goiás – e foi registrada com o nome de Ana Lins dos Guimarães Peixoto. Seu pai era desembargador, mas morreu pouco depois de seu nascimento. Estudou apenas até o terceiro ano do ensino primário, o que bastou para desenvolver na menina o apreço pela leitura, que lhe avivou ainda mais a imaginação infantil.

Aos quinze anos, teve seu primeiro conto publicado, adotando o pseudônimo de Cora Coralina. A poetisa, escritora e cozinheira faleceu de pneumonia em Goiânia, no dia 10 de abril de 1985.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/cora-coralina.htm>

Alguns poemas

Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...
 Ajuntando novas pedras
 e construindo novos poemas.
 Recria tua vida, sempre, sempre.
 Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
 Recomeça.
 Faz de tua vida mesquinha
 um poema.
 E viverás no coração dos jovens
 e na memória das gerações que hão de vir.
 Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
 Toma a tua parte.
 Vem a estas páginas
 e não entres seu uso
 aos que têm sede.

Cora Coralina

Mãe

Renovadora e reveladora do mundo
 A humanidade se renova no teu ventre. Cria teus filhos, não os entregues à
 creche. Creche é fria, impessoal. Nunca será um lar para teu filho. Ele,
 pequenino, precisa de ti. Não o desligues da tua força maternal. Que
 pretendes, mulher? Independência, igualdade de condições... Empregos fora
 do lar? És superior àqueles que procuras imitar. Tens o dom divino de ser
 mãe
 Em ti está presente a humanidade.
 Mulher, não te deixes castrar. Serás um animal somente de prazer e às vezes
 nem mais isso. Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar. Tumultuada,
 fingindo ser o que não és. Roendo o teu osso negro da amargura.

Cora Coralina

Saber viver

Não sei... se a vida é curta
ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que vivemos tem
sentido, se não tocarmos o coração das
pessoas.

Muitas vezes basta ser:
colo que acolhe,
braço que envolve,
palavra que conforta,
silêncio que respeita,
alegria que contagia,
lágrima que corre,
olhar que sacia amor que promove.

E isso não é coisa de outro
mundo: é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
não seja nem curta,
nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira e pura...
enquanto durar.

Cora Coralina

Assim eu vejo a vida

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande
sabedoria Que eu possa
dignificar
Minha condição de
mulher, Aceitar suas
limitações
E me fazer pedra de segurança dos
valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.

Cora Coralina

José Paulo Paes (1926-1998)



FONTE: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/um-homem-como-outro-qualquer/>

José Paulo Paes nasceu em Taquaritinga, interior de São Paulo, em 22 de julho de 1926. Sempre foi um apaixonado por livros. Estudou química e trabalhou em um laboratório farmacêutico por muitos anos.

Um dia resolveu escrever poesias, primeiro para os adultos e depois para as crianças. Esqueceu a química e descobriu a magia da poesia infantil, aprendeu a brincar com as palavras e escreveu muitas poesias maravilhosas para as crianças. Depois de abandonar a química, trabalhou por 25 anos com edição de livros e traduções. Morreu em 1998, aos 72 anos.

Fonte: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=416>

Alguns poemas

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

José Paulo Paes

Letra mágica

Que pode fazer você
para o elefante
tão deselegante
ficar elegante?
Ora, troque o **f** por **g**!

Mas se trocar, no rato
o **r** por **g**,
transforma-o você
(veja que perigo!)
no seu pior inimigo:
o gato.

José Paulo Paes

Duas adivinhas

1

Subo e desço o dia inteiro
no dentista e no
barbeiro. Se elétrica, logo
mato.

Mas na eleição me cobiça
todo e qualquer candidato.

2

Do direito faço esquerdo do
esquerdo faço direito. Bonito
me acha bonito feio me acha
sempre feio. O de fora ponho
dentro mas meu dentro está
lá fora. Quem sou eu? Me
diga agora.

José Paulo Paes

Sem barra

Enquanto a
formiga carrega
comida
para o
formigueiro, a
cigarra canta,
canta o dia inteiro.

A formiga é só trabalho.
A cigarra é só cantiga.

Mas sem a
cantiga da cigarra
que distrai da
fadiga, seria uma
barra
o trabalho da

formiga! José Paulo

Paes

Mario Quintana (1906-1994)



FONTE: <https://veja.abril.com.br/blog/meus-livros/cantor-sul-matogrossense-leva-poesia-brasileira-para-as-criancas/>

Mario Quintana nasceu em Alegrete (RS), em 30 de julho de 1906. Trabalhou em vários jornais gaúchos. Traduziu Proust, Conrad, Balzac e outros grandes autores da literatura mundial.

Em 1940, lançou a Rua dos Cata-ventos, seu primeiro livro de poesias. Seguiram-se Canções (1946), Sapato Florido (1948), O Aprendiz de Feiticeiro (1950), Espelho Mágico (1951), Quintanares (1976), Apontamentos de História Sobrenatural (1976), A Vaca e o Hipogrifo (1977), Prosa e Verso (1978), Baú de Espantos (1986), Preparativos de Viagem (1987), além de várias antologias. Faleceu no dia 5 de maio de 1994, em Porto Alegre.

Fonte: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=1316>

Alguns poemas

Viver é acalentar sonhos e esperanças, fazendo da fé a nossa inspiração maior. É buscar nas pequenas coisas um grande motivo para ser feliz!

Mario Quintana

O segredo é não correr atrás das borboletas...
É cuidar do jardim para que elas venham até você.

Mario Quintana

Poeminha do contra

Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão.
Eu passarinho!

Mario Quintana

No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas
que o vento não conseguiu levar:
um estribilho antigo
um carinho no momento preciso
o folhear de um livro de poemas
o cheiro que tinha um dia o próprio vento...

Mario Quintana

Marta Chaves (1968)



FONTE: Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil Inclusiva (GEEII/UEM)

Marta Chaves nasceu no dia 16 de maio de 1968, em Francisco Alves-PR. É graduada em Pedagogia e mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). É doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná e Pós-Doutora junto ao Departamento de Psicologia da Educação, pela Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara - Unesp. Atualmente é professora associada do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil Inclusiva (GEEII). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, educação infantil, educação, teoria histórico-cultural, literatura infantil, arte e intervenções pedagógicas. Realiza assessorias a Municípios e Secretarias de Estado em diferentes regiões do Brasil, como no Estado do Paraná e no Estado de Rondônia. Escreve versos poéticos para crianças e professores.

Fonte: Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil Inclusiva (GEEII/UEM).

Alguns poemas

Amora, Amorinha

Amora, Amorinha
Não é uma fruta
É uma cachorrinha
Não é verde, nem vermelhinha
Desde pequena é pretinha

Amora, Amorinha
Não é uma fruta
É uma cachorrinha
Não nasceu do pé de amora
Chegou em uma caixinha

Amora, Amorinha
Não é uma fruta
É uma cachorrinha
Encanta todos

E, faz graça para o José Dimas, o Emanuel, o Paulo, o Miguel, Júlio, a Júlia, a Livia, a Elis, o Felipe, a Maria Júlia, a Gabriela, a Isa e a Bia.

E, brinca com o João e a Maria.

Marta Chaves

Toda sala tem

Toda sala tem
Uma criança quietinha
E que pode
representar Um rei ou
uma rainha

Toda sala tem
Quem termina primeiro
Se não for o apressado
Pode ajudar o
derradeiro

Toda sala tem
Quem aprecia o
pontinho Sentando do
ladinho Fazemos um
passarinho

Toda sala tem
Quem gosta de
cozinha É preciso
oferecer
Colher de pau e farinha

Toda sala tem
Professor ou professora
Uma mesa arrumada E
um vaso esperando flor

Marta Chaves

Hora de brincar

Veja bem são 8 horas
É hora de acordar
Muito bem está na
hora É hora de brincar!

Veja bem são 10 horas
É hora de merendar
Muito bem está na
hora É hora de brincar!

Veja bem são 12 horas É
quase hora de descansar
Muito bem está na hora É
hora de brincar!

Veja bem são 15 horas
É hora de festar
Muito bem está na
hora É hora de brincar!

Veja bem, são que horas?
É hora de sonhar
É hora de sonhar e

levantar! Marta Chaves

Para aprender

Para aprender a
amar É preciso
começar

Para aprender a
falar É preciso
imitar

Para aprender a
amar É preciso
começar

Para aprender a dançar
É preciso cair e
levantar Isto que é
balé?
Balé é

Para aprender a
escrever É preciso gente
ser Isto sim eu quero ver
A rever o verbo ter

Marta Chaves

Olavo Bilac (1865-1918)



FONTE: <https://www.infoescola.com/escritores/olavo-bilac/>

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac foi contista, jornalista e poeta brasileiro. Foi um dos principais representantes do Movimento Parnasiano, valorizando as rimas ricas e as regras da composição poética. A letra do “Hino à Bandeira” brasileira é de sua autoria.

Olavo Bilac nasceu no Rio de Janeiro em 16 de dezembro de 1865. Era filho de Brás Martins dos Guimarães, um cirurgião do exército, e de Delfina Belmira Gomes de Paula. Faleceu dia 28 de dezembro de 1918 no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://www.infoescola.com/escritores/olavo-bilac/>

Alguns poemas

As flores

Deus ao mundo deu a guerra,
A doença, a morte, as dores;
mas, para alegrar a terra,
Basta haver-lhe dado as flores.
Umás, criadas com arte,
Outras, simples e modestas,
Há flores por toda a parte
Nos enterros e nas festas,
Nos jardins, nos cemitérios,
Nos paúes e nos pomares;
Sobre os jazigos funéreos,
Sobre os berços e os altares,
Reina a flor! pois quis a sorte
Que a flor a tudo presida,
E também enfeite a morte,
Assim como enfeita a vida.
Amai as flores, crianças!
Sois irmãs nos esplendores,
Porque há muitas semelhanças
Entre as crianças e as flores...

Olavo Bilac

As velhas árvores

Olha estas velhas árvores, — mais belas,
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...
O homem, a fera e o inseto à sombra delas
Vivem livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E alegria das aves tagarelas...
Não choremos jamais a mocidade!
Envelheçamos rindo! envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,
Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Olavo Bilac

As formigas

Cautelosas e prudentes,
O caminho atravessando,
As formigas diligentes
Vão andando, vão andando...
Marcham em filas cerradas;
Não se separam; espiam
De um lado e de outro,
assustadas, E das pedras se
desviam.

Entre os calhaus vão
abrindo Caminho estreito e
seguro, Aqui, ladeiras
subindo,

Acolá, galgando um muro.

Esta carrega a migalha;
Outra, com passo
discreto, Leva um pedaço
de palha;

Outra, uma pata de
inseto. Carrega cada
formiga

Aquilo que achou na estrada;

E nenhuma se fatiga,

Nenhuma para cansada.

Vede! enquanto negligentes

Estão as cigarras cantando,

Vão as formigas prudentes

Trabalhando e armazenando.

Também quando chega o
frio, E todo o fruto consome,

A formiga, que no estio

Trabalha, não sofre
fome... Recorde-vos todo o
dia

Das lições da Natureza:

O trabalho e a economia

São as bases da riqueza.

Olavo Bilac

O Boi

Quando ainda no céu não se percebe a
 aurora, E ainda está molhando as árvores o
 orvalho, Sai pelo campo afora
 O boi, para o trabalho.
 Com que calma obedece!
 Caminha sem parar:
 E o sol, quando aparece,
 Já o encontra, robusto e manso, a trabalhar.
 Forte e meigo animal! Que bondade serena
 Tem na doce expressão da face resignada! Nem
 se revolta, quando o lavrador, sem pena, Para o
 instigar, lhe crava a ponta da agulhada. Cai-lhe
 de rijo o sol sobre o largo cachaço; Zumbem
 moscas sobre ele, e picam-no sem dó; Porém,
 indiferente às dores e ao cansaço, Caminha o
 grande boi, numa nuvem de pó. Lá vai
 pausadamente o grande boi marchando... E,
 por ele puxado,
 Larga e profundamente o solo
 retalhando, Vai o possante arado.
 Desce a noite. O luar fulgura sobre os
 campos. Cessa a vida rural.
 Há estrelas no céu. Na terra há pirilampos. E
 o boi, para dormir, regressa ao seu curral...

Olavo Bilac

Tatiana Belinky (1919-2013)



FONTE: <https://tatianabelinky.wordpress.com/>

Tatiana Belinky foi jornalista, escritora, tradutora de russo, alemão, inglês e francês. Foi colaboradora regular dos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e Jornal da Tarde.

Nasceu em Petrogrado (atual São Petersburgo), na Rússia, em 1919. Em 1929, veio para o Brasil com os pais e dois irmãos menores. A família se fixou em São Paulo, onde Tatiana estudou, trabalhou, casou e teve dois filhos. Em 1948, junto com o marido, Júlio de Gouveia, começou a fazer teatro para crianças, escrevendo, adaptando e traduzindo os textos que o marido produzia e dirigia. É de sua autoria a primeira grande série adaptada para a televisão de Sítio do Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato.

Desde 1985, publica seus próprios textos, pelos quais ganhou diversos prêmios. Faleceu dia 15 de junho de 2013, em São Paulo.

Fonte: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=174>

Alguns poemas

Bicholiques

“O urso é um bicho malvado!”,
Disse o caçador, injuriado.
Não levem a mal,
Mas este animal
DEFENDE-SE, quando atacado!
Um bom garnisé, o Gazalo,
Na corda vocal teve um calo.
Um galo sem voz?
Que coisa atroz!
Azar! Virou canja de galo...
A vaca amarela, aquela,
Pulou a cancela e a janela,
Porem se estrepou:
Um rato a enxotou
Com um pontapé na canela.

Tatiana Belinky

Inho – não!

Andrezinho tem três anos
E já se acha bem grandão:
É por isso que não gosta
De diminutivo, e então
Não suporta que lhe digam
“Dê a mãozinha” – (em vez de
mão), Ou que mandem: “A
boquinha Abre e come, coração!”
“Inho”, “inha”, “Ito”, “ita”,
São pra ele humilhação,
O diminutivo o irrita:
A Andrezim prefere um “ao”!
Chama “gala” a galinha,
Não aceita correção;
“Escrivana”, a
escrivantina, E o vizinho é
“vizão”;
Chama “coza” a cozinha,
O toucinho é “toução”,
É “campana” a campainha
– E ele próprio é o
“Dezão”...

Tatiana Belinky

Mais bicholiques

Um pato e seu primo, o
rato, Viviam que nem cão e
gato. Um deles, então,
Num dia de cão,
Do outro fez gato e sapato.
A vaca que botou um ovo
Deu grande alegria ao
povo Mas certo petiz
Torceu o nariz
Dizendo: - Isto não é novo!
Uns asnos fugindo da feira
Fizeram-se ao mar na
peneira A barca redonda
Dançava na onda
Com os asnos sem eira nem

beira Tatiana Belinky

Sem medo do medo

De monstros, fantasmas,
Gosmentos miasmas,
E coisa que – bumba! –
Estourem assim;
Vampiros dentuços,
Viscosos e ruços,
Querendo assustar
A você e Amim;
Na noite escura
Não tenho paúra –
A coisa é bem
Diferente, isso sim!
Porque meu segredo
É nunca ter medo –
São eles que tremem
Com medo de mim!

Tatiana Belinky

Vinicius De Moraes (1913-1980)



FONTE: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/galeria/fotos/1970-1980>

Marcus Vinícius de Mello Moraes foi um poeta e compositor brasileiro. Também atuou como dramaturgo e diplomata.

Vinicius de Moraes nasceu em 19 de outubro de 1913, no Rio de Janeiro.

Faleceu no Rio de Janeiro em 09 de julho de 1980

Fonte: <https://www.infoescola.com/literatura/vinicius-de-moraes/>

Alguns poemas

O girassol

Sempre que o Sol
Pinta de anil
Todo o céu
O girassol
Fica um gentil
Carrossel.

O girassol é o carrossel das abelhas.

Pretas e vermelhas
Ali ficam elas
Brincando, fedelhas
Nas pétalas amarelas.

- Vamos brincar de carrossel, pessoal?

- "Roda, roda, carrossel
Roda, roda, rodador
Vai rodando, dando mel
Vai rodando, dando flor."

- Marimbondo não pode ir que é bicho mau!
- Besouro é muito pesado!
- Borboleta tem que fingir de borboleta na
entrada! - Dona Cigarra fica tocando seu realejo!

- "Roda, roda, carrossel
Gira, gira, girassol
Redondinho como o céu
Marelinho como o Sol."

E o girassol vai girando dia afora...

O girassol é o carrossel das abelhas.

Vinicius de Moraes

As borboletas

Branças
Azuis
Amarelas
E pretas
Brincam
Na luz
As belas
Borboletas.

Borboletas brancas
São alegres e francas.

Borboletas azuis
Gostam muito de luz.

As amarelinhas
São tão bonitinhas!

E as pretas, então...
Oh, que escuridão!

Vinicius de Moraes

O ar (o vento)

Estou vivo mas não tenho
corpo Por isso é que não tenho
forma Peso eu também não
tenho Não tenho cor

Quando sou fraco
Me chamo brisa

E se assobio
Isso é comum

Quando sou forte
Me chamo vento

Quando sou cheiro
Me chamo pum!

Vinicius de Moraes

A cachorrinha

Mas que amor de
cachorrinha! Mas que amor
de cachorrinha!

Pode haver coisa no mundo
Mais branca, mais
bonitinha Do que a tua
barriguinha Crivada de
mamiquinha?

Pode haver coisa no mundo
Mais travessa, mais tontinha
Que esse amor de
cachorrinha Quando vem
fazer festinha Remexendo a
traseirinha?

Vinicius de Moraes